

ASBTRACT: This article establishes a typology of the different types of aestheticization, proposes an explanation for the irresistibility of the processes and inquires about the possibilities of criticism. How to create a criticism of particular forms of aestheticization. The strategical law of fiction stands on truth and plurality substitutes obligatoriness and the fundamental questions become questions of taste. Truth has become an aesthetic category: the aestheticization of our categories resulted from Philosophy and from the modern sciences. Truth has become a category aesthetically bound. The ethical criteria have also been excluded: only the aesthetic ones are left. The justification of the processes of aestheticization's principle does not mean that all its forms should be approved. From the aesthetic point of view protests are both possible and necessary. Three things will be necessary in the future: justification of the processes of aestheticization at the level of principles; specific criticism upon certain forms of aestheticization and development of the chances of aesthetic sensibilization.

KEY WORDS: Aesthetics. Aesthetization of life, of culture and society. Homo aestheticus. Possibilities of aesthetic criticism.

Nós não ultrapassamos a estética - antigamente eu pensava que um Deus se divertiria olhando o mundo; mas nós temos a essência de um mundo, que os homens foram criando gradativamente: sua estética.

Friedrich Nietzsche
Fragmentos Póstumos, outono de 1881.

WOLFGANG
WELSCH

Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje

Tradução
ALVARO VALLS

Porto Arte, Porto Alegre, v.6, n.9, p.7-22, mai. 1995.

É evidente que hoje a estética está em alta. Ela abarca desde as coisas mais chãs do cotidiano até as alturas da cultura e de seus discursos. Hoje tudo se configura esteticamente, e tudo tendencialmente vem a ser compreendido como estético. Em vista dessa amplidão dos processos de estetização, eu gostaria de analisar três pontos: em primeiro lugar, vou procurar fornecer uma *tipologia* das diferentes espécies de estetização; em segundo lugar, vou propor uma *explicação* para a irresistibilidade dos processos de estetização na modernidade e no tempo presente; em terceiro lugar, vou perguntar pelas possibilidades de *crítica* a esses processos de estetização.

I. TIPOLOGIA DOS PROCESSOS DE ESTETIZAÇÃO

I. Estetização superficial: embelezamento, animação, emoções

Quero começar com fenômenos superficiais conhecidos. O espaço urbano, nos últimos anos, foi submetido a uma abrangente *facelifting* estética. As zonas de compras foram modeladas de maneira elegante, chique, animadora, e por toda parte se alastra o embelezamento das fachadas.¹ Também a ecologia aparentemente alternativa tem uma tendência a transformar-se em ramos de embelezamento. Se as sociedades industriais avançadas pudessem fazer o tudo que elas pretendem, elas haveriam de transformar decerto seu campo de atuação num cenário hiperestético.

O mundo então se transforma num espaço de emoções, e a sociedade numa sociedade de emoções.² As estações de trens alemãs recentemente deixaram de se chamar estações ferroviárias, e se denominam, desde que

foram guarnecidas de arte, *mundo de emoções com conexões de trilhos* (*erlebniswelt mit gleisanschluss*). Diariamente passamos do escritório das emoções para o centro comercial de emoções, restauramos nossas forças numa gastronomia emocionante e aterrizamos finalmente em casa numa sala de emoções.

Nesta estetização superficial quotidiana domina o valor estético de primeiríssimo plano: o prazer, a diversão, o gozo sem conseqüências. Há muito tempo que esta tendência se alastra para toda a cultura em conjunto.³ A vivência emocional e o entretenimento tornam-se as linhas diretrizes da atividade cultural. A cultura dos festivais e da diversão (*fun*) expande-se; ela serve ao abastecimento de prazer e de divertimento de uma sociedade de tempo livre.

De mais a mais, a estetização é uma estratégia econômica. Pois pela associação com a estética vende-se aquilo que não dá para vender, e vende-se duas ou três vezes mais o que é vendável. Já que as modas estéticas têm vida especialmente curta, em nenhum outro lugar surge tão depressa e tão seguramente demanda de substituição como nos produtos que receberam um estilo estético: antes mesmo que os artigos se tornem imprestáveis, eles ficam esteticamente *out*. Além disso, produtos duvidosos podem, graças ao enobrecimento estético, tornar-se novamente aceitáveis e vendáveis. O consumidor adquire então primariamente a aura estética e só secundariamente os artigos, por exemplo, aqueles que são prejudiciais à saúde. Isso quem reconheceu em primeiro lugar foi a indústria dos cigarros, que há muito tempo pode ser chamada de esteticamente avançada. Já nos anos 80 ela desenvolveu formas de propagandas

comerciais que não seduziam pelas características do produto, mas só pelo refinamento estético.

Daí se podem recolher duas inversões de significação geral. Em primeiro lugar, produz-se uma confusão entre ser e aparecer, entre *hardware* e *software*. O artigo, que antes era o *hardware*, agora é simplesmente obra acessória, ornamento; a estética, ao contrário, que antes era o *software*, fica sendo o principal. Em segundo lugar, mostra-se que a estética se transformou num valor diretor autônomo - para não dizer até: numa moeda padrão - da sociedade. Quando se consegue ligar um produto a uma estética interessante para o consumidor, o produto se vende, quaisquer que sejam as suas características reais. A gente não adquire propriamente o artigo, mas sim compra, por meio dele, um estilo de vida estético, que os comerciais associaram a ele.

Esses exemplos mostram que a estética, de coisa secundária, transformou-se no principal. Será que hoje em dia, em termos gerais, a estética não seria mais talvez apenas um fenômeno superficial, mas sim de profundidade? - Esta é a suposição que eu gostaria de levar adiante. Nas páginas seguintes eu quero indicar, frente à tão propalada estetização superficial, sobretudo processos de estetização profunda, que são menos familiares, porém mais importantes. Na minha opinião, é a partir deles que se esclarece também a estetização da superfície.

2. Estetização radical: troca de posições entre *hardware* e *software* - prioridade moderna do estético

Consideremos primeiramente as novas tecnologias de materiais. O *hardware* clássico, a matéria, torna-se cada

vez mais, na era da microeletrônica, um produto estético. Novos materiais industriais vêm a ser concebidos e experimentados, até a sua fabricação final, numa pura simulação pelo computador. A simulação - um processo estético que se desenrola na tela do monitor - não tem mais função imitadora, mas produtiva. A estética, tanto no que se refere ao procedimento quanto também no que toca aos resultados desejados, passa ao primeiro plano. Expertos técnicos hoje se sentem fascinados pelo fato de que a realidade material se deixa alterar em cada uma de suas fibras em sua microestrutura, através de intervenções inteligentes, deixando-se modelar esteticamente. Vista do mirante tecnológico hodierno, a realidade é do estofado mais moldável e mais leve. Mesmo as durezas materiais extremas são um efeito de procedimentos brandos, estéticos.

A *estetização dos materiais* que acabamos de mencionar tem, de mais a mais, como conseqüência, uma *estetização imaterial*. O trato quotidiano com processos de produção microeletrônicos provoca uma estetização de nossa consciência, de nossa *concepção* total da realidade. E para quem opera frequentemente com o *CAD*, a ampla capacidade de deixar-se modelar e a virtualidade da realidade tornaram-se simplesmente condições de trabalho. Esta pessoa experimentou quão pouco real é a realidade, e o quanto ela é esteticamente modelável.

O próximo aspecto vincula-se a este. Também a realidade social, desde que ela vem sendo mediada e marcada primariamente pela mídia, em especial pela mídia televisiva, está exposta a procedimentos de estetização radicais. Ante o televisor, provedor de realidade, fracassa a antiga crença na realidade. E nossa realidade é em primeira li-

nha realidade de televisão. Quase tudo o que sabemos sobre a realidade, nós o sabemos pela televisão - assim disse recentemente Niklas Luhmann. É próprio da realidade televisiva que ela seja elegível, cambiável, disponível, fugaz. Se algo não combina conosco, mudamos para um outro canal. No *zapping* e *switchen* entre os canais, o consumidor avançado de TV ensaia a desrealização do real, que também vale para o demais. De fato, as imagens da mídia também já não oferecem nenhuma garantia para a realidade, já são mais auto-encenadoras e se apresentam crescentemente de acordo com esta virtualidade. A realidade torna-se, em termos de mídia, uma oferta manipulável e modelável esteticamente até o íntimo de sua substância. E este cunho de mídia da realidade - em um mundo cujos meios de comunicação líderes são os meios eletrônicos - dá um colorido ao comportamento da realidade quotidiana, impregna também este comportamento. Os modos de comportamento tornam-se crescentemente simulatórios, sem profundidade, intercambiáveis.⁴

No futuro, a experiência do espaço cibernético poderia adquirir uma influência especial sobre a virtualização de nossa consciência da realidade. No *cyberspace*, não ficamos mais distanciados diante da imagem, mas entramos nela e conseguimos nos movimentar graças aos *eyephones* (capacetes) e *dataglove* (luvas) no mundo virtual da imagem como se fosse num mundo real. Do *estar-diante-do-mundo-de-imagens* - esta característica tão convencional dos mundos eletrônicos, em

A realidade torna-se, em termos de mídia, uma oferta manipulável e modelável esteticamente até o íntimo de sua substância.

outros aspectos tão avançados - passamos para um *estar-no-mundo-de-imagens*. A presença frente à imagem muda-se em presença na imagem - em telepresença, como se diz. O que há de interessante nisso não é tanto a perfeibilidade, em verdade bastante limitada, desses mundos cibernéticos (pois aqui só se pode realizar comportamentos previstos no programa e não quaisquer outros desviantes).⁵ Filosoficamente, é mais importante o efeito na consciência que tais experimentos cibernéticos provocam. Quando se entra no mundo virtual como num mundo real, faz-se concretamente a experiên-

cia de que o virtual também pode ser real, e daí cresce a suspeita de que talvez tudo o que há de real em outro aspecto também poderia ser virtual. A visão do mundo de um Leibniz ou de um Borges, segundo a qual o que num estado de consciência vale como

real em verdade poderia ser o sonho de um outro estado de consciência,⁶ torna-se a suspeita geral sobre a realidade. As fronteiras entre realidade e virtualidade tornam-se definitivamente incertas e porosas.

3. Estetização (*styling*) dos sujeitos - rumo ao *homo aestheticus*

Destas mudanças objetivas, olhemos agora para o mundo subjetivo e principalmente para a hodierna forma de vida e auto-realização dos indivíduos. Aqui, a predominância do estético parece atingir a sua completude. Por toda parte nós vivenciamos um *styling* de corpo, alma e espírito - e tudo o mais que os homens novos e belos

ainda gostariam de ter (ou de arranjar para si). Se antigamente tomavam-se os santos, depois os pesquisadores ou intelectuais como modelos para a vida, hoje nós nos orientamos preponderantemente pelas *beautiful people*. Nos institutos de beleza e nas academias de *ginástica estética* desenvolvemos o aperfeiçoamento de nossos corpos, e em cursos de meditação e nos Seminários de Toscana, a espiritualização de nossas almas. Para as futuras gerações, as coisas serão então mais fáceis: em auxílio delas virá, em primeiro lugar a tecnologia genética, este novo ramo da estetização, que nos abre a perspectiva de um mundo cheio de manequins perfeitamente estilizados.

Também as maneiras dos indivíduos entre si estão sempre mais determinadas esteticamente. Num mundo em que as normas morais desaparecem, a etiqueta à mesa e as boas maneiras - a escolha do copo ou do cálice correto e do acompanhamento adequado a cada ocasião - parece ser o que pode melhor oferecer algum apoio. As revistas citadinas oferecem hoje em dia à sua clientela, antigamente alternativa, seminários de boas maneiras, e também nos treinamentos para executivos o polimento estético recebe a maior atenção. A competência estética deve equilibrar e disfarçar a perda dos *standards* morais.

O *homo aestheticus* tornou-se a figura de proa. Ele é sensível, hedonista, educado, e sobretudo de um gosto seletivo - e ele sabe: gosto não se discute. Isso proporciona uma nova segurança em meio à insegurança que existe por toda parte. Livres de ilusões fundamentalistas, vivemos todas as possibilidades, em distanciamento lúdico.

Michel Foucault, famoso nos anos 70 como crítico da moderna edu-

cação do sujeito (ele descobrira esta educação do sujeito como estratégia de disciplinamento social),⁷ fez-se nos anos 80 profeta das novas tendências estéticas. Defendia um novo tipo de educação, acentuadamente estética: deveríamos moldar nossa vida segundo regras e padrões próprios, exatamente da mesma maneira como o artista faz com seu material.⁸ É verdade que Foucault achava que por esta via surgiriam sujeitos autodeterminados e resistentes, mas eu temo que *esta estética da existência* em grande parte seja apenas uma apreciação, dependente do espírito do tempo, de auto-estilização estética, e que os sujeitos de fato antes estejam acomodados e se conformem à estetização objetiva como bonecas decorativas. Botho Strauss e Robert Wilson retrataram diante de nossos olhos este novo tipo de zumbis.

Em todo caso, também estes narcisismos que se mostram no primeiro plano possuem um segundo plano mais profundo. Para a consciência moderna há muito tempo todas essas formas de vida, maneiras de orientação e normas éticas assumiram uma qualidade estética característica. No mais tardar desde o historicismo do século 19, elas não são mais consideradas como *standards* obrigatórios, e sim como projetos sociais ou individuais, que são adequados no máximo situacionalmente - para uma determinada situação histórica e cultural. A eles se contrapõem outros projetos. Cada um deles pode ser alterado e substituído. As morais valem como criações de *status* francamente artístico - mas também de validade antes oscilante do que constringente. Mesmo quando suas sentenças são rígidas, a sua constituição no conjunto traz traços estéticos. E os critérios em virtude dos quais a gente se decide entre diferentes valorações

morais, serão, em última análise, de natureza estética.⁹ Nietzsche já havia dito que nossas valorações morais em última instância se baseiam sobre juízos estéticos: Os juízos estéticos constituem o *fundamento da tábua dos bens* e com isso dos julgamentos morais.¹⁰

4. Tendência geral: estetização - mas de diferentes maneiras

Tentarei um resumo da tipologia da estetização dada até agora. É notório que elementos estéticos aumentam nos primeiros planos tanto da realidade objetiva quanto da subjetiva: as fachadas tornam-se mais bonitas, os negócios mais animados, os narizes mais perfeitos. Mas a estetização alcança também mais profundamente, ela atinge estruturas básicas da realidade como tal: da realidade material em consequência da mediação dos meios de comunicação e da realidade subjetiva como consequência das novas tecnologias de materiais, da realidade social como consequência da substituição dos *standards* morais por auto-estilizações.

É claro que esses processos de estetização não seguem todos o mesmo modelo. No ambiente urbano, estetização significa o avanço do belo, do bonito, daquilo que tem estilo; nos comerciais e na relação consigo mesmo ela quer dizer o avanço de encenação e *lifestyle* [estilo de vida]; no que toca à tecnologia e à mídia, *estetização* significa a mesma coisa que virtualização; e a estetização da consciência significa: nós não vemos mais nenhum fundamento primeiro ou último, mas sim a realidade adquire para nós uma constituição como até agora só conhecíamos na arte - uma natureza de produto, da mutabilidade, de artificialidade e de virtualidade. - No detalhe ocorre também a estetização de diferentes maneiras,

mas tomada no seu conjunto resulta um diagnóstico geral da estetização.¹¹

Uma observação intermediária: se eu, com a palavra *estético*, falo destes processos de estetização ao nível do mundo vivido e de jeito nenhum daquilo com que esta palavra se teria de falar em primeira linha - ou seja, da arte -, isto se deve ao fato de que hoje, na minha opinião, *aesthetics* em primeira linha não tem de falar de arte e sim justamente destes processos de estetização do mundo da vida. Ou, dito de outra maneira: a estética trocou o seu lugar. A estética *importante* é hoje a *estética fora da estética*. Uma tematização atualizada do estético tem de se referir aos campos como o mundo vivido e a política, comunicação e mídia, ciência e epistemologia. Aí a estética adquiriu novos e fundamentais contornos. - Mas agora voltemos ao andamento de nossas reflexões.

5. Reflexões para uma crítica dos processos de estetização

No convoluto dos processos de estetização encontram-se decerto muitos fenômenos mercedores de reparos, frente aos quais seria tolice querer afirmar que através da estetização tudo se torna melhor. Desde os fins do século 18, não podemos mais compartilhar desta esperança dos programas de estetização. Pelo contrário: proclamações como a de Schiller, de que somente o homem estético há de ser um homem completo,¹² ou como a de Hegel/Schelling, de que *verdade e bondade [...] são irmanadas na beleza*¹³ revelam-se, diante das hodiernas formas de resgate de tais programas de estetização, como ricamente dúbias.

Mas como se poderia traçar uma linha divisória entre os aspectos positi-

vos e os negativos da estetização? Como se deveria fundamentar uma crítica a formas particulares de fenômenos da estetização? Para tanto, em termos gerais, não entram em consideração nem critérios da verdade e nem da moral, ou critérios estéticos. podemos esforçar-nos por encontrar apoio junto à ciência, junto à ética ou junto à estética.

Por certo pareceria paradoxal a tentativa de esperar justamente da estética uma crítica da estetização. Igualmente a ética hoje não seria o melhor fiador para uma crítica da estetização, pois a ética está atualmente - como eu mostrei no exemplo de Foucault - em vias de se tornar uma subdisciplina da estética. Aparentemente, só resta apostar na ciência e, com isso, na carta da verdade.

E de fato: muitos intelectuais avançam hoje em nome da verdade contra a estetização. Eles dizem que uma estetização universal redundaria na dissolução da verdade e numa destruição de ciência, esclarecimento e razão. A ciência está ameaçada de ser minada quando o brilho retórico se torna mais importante do que a fundamentação dos enunciados. O esclarecimento perde o rumo quando a lei estética da ficção entra no lugar da verdade e quando a pluralidade substitui a obrigatoriedade [*verbindlichkeit*]. Finalmente, a razão se dissolve se as questões fundamentais se tornam questões de gosto.

Essas advertências são, em todo o caso, reprises. Nelas se revive mais uma vez a velha disputa entre verdade e beleza, ser e aparência, vinculação fundamentalista e liberdade ficcional - uma disputa que atravessa o Ocidente, de muitas formas, desde a crítica aos poetas, de Platão, a polêmica de Bernardo de Claravaux contra a arquitetura

gótica e desde o conflito entre o Idealismo e o Romantismo.

Eu quero dizer, em todo o caso: as bases desta disputa se alteraram. Ela está cada vez mais resolvida. E aliás, ao contrário do que acreditavam os mais antigos, está decidida em favor da estética. Chegou-se a isto - eis a minha tese - em consequência do desenvolvimento da própria racionalidade científica. Graças a esta é que a verdade tornou-se mais e mais uma categoria estética. - No quadro introdutório das estetizações eu nem mencionei, com efeito, a mais decisiva e a mais radical estetização: a estetização de nossas categorias do conhecimento e da realidade, inclusive da categoria da verdade. Esta estetização é um resultado da filosofia e da ciência modernas. Devido a ela, tirou-se há muito tempo o chão, em seu próprio terreno, a todas as pretensas objeções *racionais* contra a estetização.

E eu quero agora, na segunda parte deste texto, expor-lhes esta pré-história e a história primitiva da moderna estetização de profundidade.

II. A ESTETIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA COMO BASE DOS DIVERSOS PROCESSOS DE ESTETIZAÇÃO

1. Kant: estética como disciplina epistemológica fundamental

Kant, o revolucionário da filosofia moderna, constitui o ponto de partida também aqui. Pois Kant foi o primeiro que mostrou que momentos estéticos são constitutivos para o nosso saber. Isto ele o fez na *Crítica da razão pura* de 1781, a obra fundamental da revolução moderna no saber, e isto na

primeira parte, que traz o título de *Estética transcendental*. Segundo a *revolução na maneira de pensar*, de Kant, nós conhecemos *das coisas, a priori só [...] aquilo que nós mesmo colocamos nelas*.¹⁴ E aquilo que nós em primeiríssimo lugar colocamos nela são os dados prévios *estéticos*, ou seja, as formas da intuição de espaço e tempo. É só através delas, diz Kant, que os objetos nos vêm a ser dados. O nosso conhecimento e a nossa realidade alcançam exatamente tão longe quanto abrangem estas formas da intuição, e uma outra realidade, em si, nós não conhecemos. Neste sentido, em Kant, a estética, - exatamente enquanto doutrina dessas formas da intuição, e portanto enquanto *estética transcendental*, (e não como teoria da arte) - tornou-se epistemologicamente fundamental.¹⁵ - Desde Kant nós sabemos portanto da constituição fundamental estética do conhecimento, sabemos de uma proto-estética da cognição, no campo dos princípios. Ela constitui a base da doutrina moderna do conhecimento e da realidade.

O ponto decisivo aqui não está tanto no fato de que nosso conhecer incluía partes fundamentais estéticas. Mas sim que se altera todo o caráter do conhecimento e da realidade. A referência à realidade e o conhecimento assumem um caráter ficcional, produtivo, poético, em uma camada fundamental. O próprio Kant foi se tomando sempre mais consciente disto. Já na *Crítica da razão pura*, ele designou as idéias, os genuínos conceitos da razão, como *ficções heurísticas*.¹⁶ E na *Obra póstuma* ele diz da imaginação que lá onde realiza suas operações fundamentais constitutivas do conhecimento, ela *poetiza*.¹⁷ Finalmente, Kant declara de forma lapidar: *Nós mesmos é que fazemos tudo*.¹⁸

2. Nietzsche: o caráter estético-ficcional da realidade e do conhecimento

Nietzsche - talvez o pensador estético por excelência - continuou cem anos mais tarde esta fundamentação kantiana e o fez de maneira tão convincente que desde então ainda podemos, querendo, falar contra a constituição estética de nosso conhecer, mas dificilmente ainda seremos capazes de trazer algum argumento contra ela.

Nietzsche radicalizou a estetização de três maneiras. Mostrou que a realidade no seu conjunto - não somente em sua estrutura transcendental - é *feita*: fatos são *coisas-feitas* (*tatsachen*). Além disso ele indicou que esta produção de realidade ocorre com meios *fissionais*: por formas da intuição, imagens fundamentais, metáforas condutoras, fantasmas etc. O homem é um *animal fingens* (animal que finge). E Nietzsche atravessou o umbral do mundo único e comum: se a realidade é resultado de produção, então é preciso contar com o surgimento de mundos muito diferentes.

No manuscrito *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, de 1873, escreve Nietzsche: *Pode-se admirar o homem como um gênio construtor poderoso, que consegue levantar uma catedral de conceitos infinitamente complicada sobre fundamentos que se movem e sobre a água que corre; é verdade que, para encontrar apoio sobre um tal fundamento, ela precisa ser uma construção como que de fios de teia de aranha, tão delicada que possa ser carregada com as ondas e tão firme que não possa desmanchar-se assoprado pelo vento*.¹⁹ - Assim se apresenta o conhecimento na perspectiva estética.²⁰ Como artistas ou cons-

trutores geniais, criamos formas de orientação que são constituídas de forma tão móvel e elástica quanto a realidade é fluida e mutável. Todas as nossas orientações são produzidas *poeticamente*, estruturadas ficcionalmente e segundo sua maneira de ser constituídas de maneira tão oscilante mas também tão frágil quanto tradicionalmente só se dizia dos fenômenos estéticos - e também só deles se acreditava serem assim.

3. A estetização epistemológica impregna a teoria da ciência e a práxis científica do século 20

Uma tal visão do conhecimento é defendida apenas por estetas esquisitos - ou exagerados - como Nietzsche? Não. No século 20, os juízos de Nietzsche foram-se tornando crescentemente comuns. Também a teoria da ciência deste século tornou-se sucessivamente *nietzscheana*. Assim, Otto Neurath (que pertencia a uma das mais rígidas escolas da teoria da ciência, o *Círculo de Viena*), descreveu nossa situação de maneira bem semelhante a Nietzsche: *Somos como navegadores que precisam reformar seu navio em mar aberto, sem poder jamais desmontá-lo num estaleiro e tornar a arrumá-lo a partir de peças melhores.*²¹ Esta frase de Neurath tornou-se também o adágio do filósofo analítico Willard van Orman Quine.²² E em Karl Popper lemos semelhantemente, *que onde acreditávamos estar em solo firme e seguro, na verdade tudo está incerto e começou a balançar.*²³ - Estamos vendo que mesmo os teóricos da ciência que seguramente não querem ser nietzscheanos, não conseguem escapar de falar como nietzscheanos quando expõem as questões fundamentais. A constituição estética de nossa realidade é uma con-

cepção não apenas de alguns estetas, mas de todos os teóricos contemporâneos que refletem sobre a realidade e a ciência. É uma concepção *necessária*.

Richard Rorty tirou daí a consequência de que os nossos *fundamentos* representam sempre artefatos culturais e neste sentido são constituídos esteticamente. Isto o levou a um discurso em favor de uma *cultura estetizada*.²⁴ Ele entende por isso uma cultura que em primeiro lugar sabe que por toda parte temos a ver com artefatos culturais, que sempre só podemos confrontar com outros artefatos culturais, porém jamais podemos confrontá-los com a própria realidade, e que, em segundo lugar, se entrega a esta constituição estética, em vez de - inutilmente - insistir em que *encontraremos a legítima parede por trás da parede pintada, as autênticas pedras de toque da verdade em contraste com pedras de toque que só são artefatos culturais*. Uma cultura estetizada sabe justamente *avaliar* [...] que todas as pedras de toque são tais artefatos culturais.²⁵

Da maneira mais provocadora, Paul Feyerabend formulou o caráter fundamentalmente estético do conhecimento e da verdade científicos, ao dizer que verdade e realidade dependem do estilo tanto na ciência quanto na arte: *Pois quando se investiga o que um determinado estilo de pensamento entende por tais coisas, então a gente não chega a algo que se encontra para além dos estilos de pensar, e sim suas próprias e fundamentais suposições: verdade é aquilo que o estilo de pensar diz que é verdade.*²⁶

Não só a teoria, mas também a práxis da ciência - e exatamente a das ciências *duras*, das ciências da natureza - foi-se tornando sempre mais consciente da importância dos momentos estéticos para o trabalho científico.

Bohr, Einstein e Heisenberg já haviam argumentado esteticamente em passagens decisivas, e Poincaré tinha até declarado redondamente que potência estética e não propriamente lógica constituiria a capacidade central de um bom matemático.²⁷ Em tempos recentes então, teve um efeito revolucionário a indicação de Watson de que ele só foi bem sucedido ao decifrar a estrutura do DNA porque partiu da suposição de que a solução teria de ser extremamente elegante - só sob esta premissa estética ele conseguiu, em tempo adequado encontrar a solução exata dentre a grande quantidade de caminhos de solução teoricamente abertos.²⁸ Frente a teorias como a do *Big Bang* ou a da história infinita dos *Quarks* não se tem de certo outra alternativa, senão reconhecer uma relevância estética eminente e momentos ficcionais na ciência.

Hoje impõe-se em todas as ciências a consciência do fundamental caráter estético do conhecimento e da realidade. Quer na semiologia, quer na teoria dos sistemas, seja em sociologia, biologia ou microfísica, por toda parte nós notamos que não há nenhum fundamento primeiro ou último, que antes nós topamos justamente, na dimensão dos *fundamentos*, com uma constituição de tipo estético. Os semióticos nos dizem que as cadeias de significantes sempre remetem a outras cadeias de significantes e não a algum significado original; a teoria dos sistemas nos ensina que nós *em vez de recorrer a unidades últimas*, sempre observamos apenas observações e descrevemos descrições;²⁹ e a microfísica constata que lá onde ela quer reportar-se a algo elementar, ja-

Hoje impõe-se em todas as ciências a consciência do fundamental caráter estético do conhecimento e da realidade.

mais atinge o elementar, e sim topa sempre com nova complexidade. De maneira semelhante, Montaigne já havia dito, que nós sempre fazemos apenas glosas de glosas.³⁰ Mas tudo isso não deve ser compreendido como motivo para resignação, e sim como enunciado sobre a realidade - como expressão de sua constituição estética fundamental.

E já faz tempo que esta consciência penetrou nos poros da sociedade e nas cabeças dos indivíduos - muito mais, em todo caso, do que uma ansiedade acadêmica espalhada por aí e uma retórica pública de defesa gostariam de constatar. O trato dos indivíduos com os processos de estetização atuais é sustentado pela consciência desta estetização de princípio.

4. Resultado

Vou resumir a análise esboçada até aqui: nos últimos duzentos anos, verdade, saber e realidade foram assumindo contornos estéticos. Enquanto antes se acreditava que a estética só teria a ver com realidades secundárias, ulteriores, hoje nós reconhecemos que o estético já pertence à camada fundamental do conhecimento e da realidade.

O saber tradicional sobre a realidade pretendia ser objetivístico, isto é, fundamentalístico, enquanto que se descobria, nos fenômenos estéticos, regularidades de produção livre. Mas desde que ficou claro para nós que não apenas a arte, mas também outras formas de nosso agir - inclusive o conhecer - demonstram caráter de produção, essas categorias estéticas - portanto categorias como aparência, mobilidade,

variedade, insondabilidade ou flutuação - transformaram-se em categorias fundamentais da realidade. Por assim dizer, na ontologia tradicional do estético, por debaixo do pano, desenvolveram-se categorias para a compreensão da produção da realidade em geral.

E tudo isso não foi decretado por uns estetas quaisquer, e sim foi a instância condutora da modernidade, a ciência, que no-lo fez reconhecer. Ela decretou uma *estetização epistemológica* - uma estetização radical [*prinzipielle*] do saber, da verdade e da realidade, da qual nenhuma questão fica isenta. Esta estetização epistemológica é o legado da modernidade. Quando se fala da estética ao nível de reflexão dos tempos atuais, é preciso encarar bem esta proto-estética e expor-se aos seus enunciados. - Daí resultam duas coisas: primeiro, é claro que aqueles discursos que insistem sobre a verdade contra a estetização não convencem mais ninguém, porque a verdade mesma se desmascarou como, no fundo, uma categoria estética. Isto será importante para a questão que depois voltará a ser levantada sobre as chances de uma crítica aos processos de estetização. E, segundo, da estetização da verdade segue-se uma explicação fundamental para os processos da estetização que se observam por toda parte. Voltemos a dar ainda uma olhada naquela sua tipologia, oferecida na primeira parte deste trabalho.

5. A relação dos diversos tipos de estetização entre si

Lá estava primeiro a estetização superficial embelezadora das fachadas, logo depois aquela estetização mais radical de nossa realidade tanto social quanto material, condicionada pela tecnologia e pelos meios de comunica-

ção, e em terceiro lugar a estetização igualmente profunda ou radical de nossos posicionamentos práticos na vida e de nossas orientações morais. A essas se acrescenta agora, em quarto lugar, a estetização epistemológica.

Eu falei tão pormenorizadamente sobre esta última porque ela me parece ser a mais fundamental de todas as estetizações com que hoje temos a ver. Ela constitui o próprio fundo dos processos atuais de estetização e explica a sua aceitação. O fato de que o conhecer e a realidade se tenham demonstrado como no fundo estéticos foi que nos preparou para as estetizações. Justamente por isso nós nos envolvemos crescentemente com a transposição do que era *hardware* em *software*, assim como ela, em consequência da estetização tecnológica e da mídia determina o nosso dia-a-dia, e não nos fechamos a esta constituição estética, que além disso se torna experienciável através dos meios de comunicação. E pela mesma razão transpomos esta estetização básica numa estetização abrangente de superfície, e a realizamos como que até a epiderme dos fenômenos, aí a demonstramos ante os nossos olhos e a exercemos quotidianamente.

III. PERSPECTIVAS DE UMA CRÍTICA ESTÉTICA NO INTERIOR DOS PROCESSOS DE ESTETIZAÇÃO

Na terceira parte deste trabalho eu quero - conforme anunciei antes - perguntar pelas perspectivas da crítica. Muitas daquelas coisas da estetização da superfície, inicialmente descritas, sem dúvida intuitivamente nos contrariam, muita coisa parece-nos merecer uma crítica. Só que, no que se refere à questão dos critérios que são capazes de limitar a estetização ou de criticar

algumas de suas formas particulares de aparição, nós caímos, entrementes, numa situação melindrosa. A verdade, aquele critério no qual em geral se deposita esperança, é evidentemente imprestável para intervenções contra a estetização, porque a própria verdade, na modernidade, tornou-se mais e mais uma categoria marcada esteticamente. E critérios éticos eu logo tinha excluído pela mesma razão - porque a ética hoje em dia está em vias de se transformar ela mesma numa subdisciplina da estética. Será que isto significa que estamos entregues totalmente, sem apoios e sem critérios, à estetização?

De qualquer maneira, restam critérios estéticos. É verdade que eu antes os pus de lado mais do que a quaisquer outros, porque uma crítica estética da estetização parece o que há de menos possível.

Mas isto é um erro. Pois, em primeiro lugar, o fato de que existem critérios estéticos é algo que não se pode contestar. Estética sempre tem de diferenciar entre o que ficou bem sucedido e o que não ficou, entre o melhor e o pior, entre o modelo ideal e o desviante. E em segundo lugar, é de se esperar, numa situação de estetização global, que especialmente os critérios estéticos não de ser relevantes e terão as melhores chances de encontrar consideração. Numa situação de estetização global, apostar em critérios estéticos é antes conseqüente do que paradoxal.

Em quais critérios se deve aqui pensar? Como é possível resgatar, nas condições hodiernas, a promessa de Adorno de que a sensibilidade estética sempre haveria de ser também um órgão de sua autocrítica?³¹

1. Objeção contra a confusão da estetização

Uma lei fundamental estética reza que a nossa percepção precisa não apenas de animação e estímulo, mas também de descanso, zonas de repouso e interrupções. Basta esta lei para condenar ao fracasso a tendência de embelezamento, que atualmente grassa na estetização de superfície. Uma estetização total leva em direção do seu oposto. Onde tudo é belo, nada mais é belo; estimulação ininterrupta conduz ao embotamento; estetização vira *anestetização*. Nesta medida, justamente razões estéticas falam em favor da ruptura da confusão da estetização. No meio da hiperestetização, há necessidade de áreas esteticamente baldias.³²

Uma estetização total leva em direção do seu oposto. Onde tudo é belo, nada mais é belo.

2. Por uma cultura do ponto cego

O que seria importante atualmente não é uma hiperestetização da cultura e sim - antes pelo contrário - o desenvolvimento de uma *cultura do ponto cego*. O que quero dizer com isso? A estética que reflete adverte sempre a tomar consciência da relação dupla de aprovação e desqualificação. Ver algo significa sempre deixar de ver outra coisa. Não existe nenhum ver sem ponto cego. Sensibilidade desenvolvida presta atenção a isto e tira as conseqüências disso.³³

As conseqüências de uma tal posição ultrapassam o domínio estrito da plástica ou do estético.³⁴ Aqui se sobressai - diferentemente do caso da tendência superficial do embelezamento - uma perspectiva social da estetiza-

ção digna de ser seguida. Uma cultura realmente estetizada seria sensível para as diferenças e as desqualificações - também no dia-a-dia, digamos, em vistas a outras formas de vida. Sensibilidade desenvolvida percebe princípios desviantes, descobre imperialismos, tem alergia pelas injustiças e exorta a entrar na luta pelos direitos dos oprimidos. A cultura estética seria capaz, deste modo, pelo menos indiretamente, de também contribuir com a cultura política.

O quanto a cultura política depende da cultura estética, pode-se esclarecer no exemplo da tolerância. Sem a sensibilidade, a tolerância seria apenas um princípio vazio. Imaginemos uma pessoa que se apropriou da máxima da tolerância perfeitamente, mas digamos que lhe faltasse a sensibilidade para simplesmente perceber, na vida quotidiana, que ela, diante de determinadas concepções, tem a ver com uma diferença de princípios e não apenas com distanciamentos quaisquer, de modo que se trata, portanto, não de um *déficit*, mas sim de uma diferença cultural. Um tal homem jamais se sentiria embaraçado para empregar a sua máxima da tolerância, antes ele iria constantemente praticar seus imperialismos e opressões - mas de consciência limpa e crente de ser um homem tolerante. Sensibilidade para diferenças é uma condição real da tolerância. - Talvez nós vivamos numa sociedade que fala demais de tolerância e dispõe de sensibilidade de menos.

3. Resumo

Resumindo: a estetização não deve ser nem aceita globalmente, nem

rejeitada globalmente. Ambas as posições seriam ao mesmo tempo de pouco valor e falsas. Eu tentei nomear, com a estetização epistemológica, uma razão principal que torna compreensível a inevitabilidade moderna dos processos abrangentes de estetização. Quando contemplamos esta estetização básica, temos a ver com uma estetização que justamente parece irrefutável. Seu não-fundamentalismo constitui modernamente a nossa *base*. Se nós por outro lado focalizamos a estetização de superfície, existem múltiplos motivos para a crítica. A justificação *de princípio* dos processos de estetização não significa, de maneira alguma, que todas as formas de estetização devam ser aprovadas. No final eu deixei bem claro que justamente do ponto de vista estético são possíveis e necessários protestos contra formas comuns de fenômenos da estetização. Fazer estes protestos produzirem efeitos é tarefa de nosso comportamento privado e público. Se nós, finalmente, olhamos para as implicações sociais e políticas de uma cultura estetizada e portanto para a sensibilização para as diferenças e para o desenvolvimento de uma cultura do ponto cego, então encontram-se aqui também chances da atualidade do estético.

Eu penso que no futuro vai-se precisar de três coisas: em primeiro lugar, dá justificação, ao nível dos princípios, dos processos de estetização, em segundo lugar, da crítica específica a determinadas formas de estetização e, em terceiro lugar, do desenvolvimento das chances de sensibilização da estetização. Se seguirmos esta tríade poderemos nós também produzir algo de justo no interior da estetização.

¹ É claro que eu penso sobretudo nos desenvolvimentos na Alemanha. Mas eu creio que se podem constatar por toda a Europa e pelo mundo a mesma tendência - na medida em que as condições econômicas o permitem.

²Cf. Gerhard Schulze, *Die erlebnisgesellschaft. Kultursoziologie der Gegenwart* (A sociedade das vivências emocionais. Sociologia cultural dos dias de hoje), Frankfurt a. Main, 1992.

³Cf. do Autor, *Rede zur kultur* (Discurso sobre a cultura), in: Köllmayr, Liegl, Sréter (Hrsg.), *Soblau, Kulturzustand München*, 1992, 16-30.

⁴A objeção usual contra a tese de simulação, de que o simulado e o real na verdade jamais seriam confundidos, não atinge a tese da simulação, pois não é isto o que ela afirma. Ela quer chamar a atenção para um outro aspecto: para o fato de que comportamentos que são ensaiados no mundo-guia eletrônico, gradativamente impregnam também o comportamento cotidiano. E isto é um fato indiscutível.

⁵Cf. a este respeito as instrutivas exposições de Florian Rötzer: *Ästhetische herausforderungen von cyberspace* (Desafios estéticos do espaço cibernético), in: *Raum und Verfahren*, a.a.O., 29-42, 41 s., assim como, do mesmo autor, *Virtuelle und reale welten* (Mundos virtuais e reais), in *Cyberspace. Zum medialen Gesamtkunstwerk*, edit. por Florian Rötzer e Peter Weibel, München, 1993, 81-113, espec. 106.

⁶ [...] *Nada impede que determinados sonhos bem ordenados se ofereçam ao nosso espírito, que por nós são considerados verdadeiros e que também o sejam do ponto de vista da práxis devido à sua completa concordância. Sim, se se quisesse chamar a vida toda apenas um sonho e o mundo visível apenas uma miragem, eu, de minha parte, afirmaria mesmo assim, que este sonho ou esta miragem possuem realidade suficiente, desde que nós ao usarmos corretamente a nossa razão nunca nos deixemos enganar por eles* (Gottfried Wilhelm Leibniz, *über die methode, reali phänomene von imaginären zu unterscheiden*, in: do mesmo autor, *Hauptschriften zur grundlegung der philosophie*, vol. 2, Hamburgo, 3. ed. 1966, 123-128, aqui 126 e 125). O conto de Borges *As ruínas circulares*, no qual um homem vê em sonhos um jovem em um outro lugar tão preciso que este se torna real - e há relatos inequívocos para o sucesso -, termina por uma prova de fogo, que leva o criador em sonhos à surpreendente descoberta de que também ele se devia à atividade onírica de um outro: *Aliviado, envergonhado, horrorizado ele reconheceu que também ele era apenas uma aparência, que um outro o havia sonhado.* (Jorge Luis Borges, *Die kreisförmigen ruinen*, in: do mesmo: *Sämtliche erzählungen*, München, 1970, 171-177, aqui 177).

⁷Cf. Michel Foucault, *Überwachen und strafen* [Vigiar e punir], Frankfurt a. M. 1976.

⁸Cf. Michel Foucault, *Der gebrauch der luste* [O uso dos prazeres] e *Die sorge um sich* [O cuidado de si] (ambos de Frankfurt a. M. 1986 [- e em português na Graal em 1984 e 85, N. T.]). Foucault pensa que se deveria fazer da própria vida *uma obra [...] que traz certos valores estéticos e corresponde a certos critérios de estilo* (Foucault, *Der gebrauch der luste*, a. a. O., 18).

⁹Nietzsche já dizia, que nossas valorações morais se baseiam sobre prejuízos estéticos: Os juízos estéticos (o gosto, o desagradado, o nojo etc.) são o que constitui o fundamento da *tábua dos bens*. Esta, por sua vez, é o fundamento dos juízos morais. (F. Nietzsche, *Nachgelassene fragmente 1880-1882*, in: do mesmo, *Sämtliche werke. Kritische studienausgabe in 15 bänden*, ed. por G. Colli e M. Montinari, München 1980, vol. 9, 471). Richard Schusterman indica hoje que teríamos de contar com uma *ethics of taste* (R. Schusterman, *Postmodernist aestheticism: a new moral philosophy?*, in: *Theory, Culture & Society*, 5/2-3, 337-355, aqui 342).

¹⁰F. Nietzsche, *Nachgelassene Fragmente 1880-1882*. in: do mesmo, *Sämtliche... (...)* ...aqui 342.

¹¹ Alguém pode querer objetar que com isso eu defenderia uma estetização total. Mas em primeiro lugar eu acentuo justamente os diferentes modos (*modie*) desta estetização, dou valor a diferenciações, não defendo a tese de uma estetização em uníssono. E em segundo lugar, e sobretudo: eu diagnostico aqui *resultados encontrados*, não proclamo desejos, ou uma teoria. Para refutar a tese da estetização geral ter-se-ia de operar portanto com contraprovas ao nível da realidade, e não com protestos contra um suposto

design teórico. Ter-se-ia de apresentar domínios de fenômenos não atingidos pela estetização. O que deve ser difícil.

¹²Schiller era de opinião de que *entre todos os estados do homem justamente o jogo e somente o jogo é o que o torna completo e desenvolve sua natureza dupla [...] o homem [...] só é integralmente homem quando joga* (Friedrich Schiller, *Über die ästhetische erziehung des menschen in einer reihe von briefen*, [Cartas sobre a educação estética do homem] in: do mesmo: *Sämtliche Werke*, vol. 5, edit. por Gerhard Fricke e Herbert G. Göpfert, München, 6 ed. 1980, 570-669, aqui 616 s. e 618).

¹³Mitologia da razão. *O mais antigo programa do sistema do idealismo alemão*, de Hegel, edit. por Christoph Jamme e Helmut Schneider, Frankfurt a. Main, 1984, 12.

¹⁴Immanuel Kant, *Kritik der reinen vernunft*, B XI, respectivamente XVIII.

¹⁵De resto, Kant ponderou desde o início desta estética transcendental, se não seria melhor acabar novamente com a estética justamente no sentido desenvolvido somente por Baumgarten - e portanto (do modo como Kant compreendia Baumgarten) a estética como uma tentativa *de submeter aos princípios racionais os julgamentos críticos do belo*, para então reservar o título de estética *para aquela doutrina que constitui a verdadeira ciência* (id. B. 35 s.). *Nas anotações gerais sobre a estética transcendental* Kant sublinhou além disso, que sua estética transcendental é *tão certa e indubitável, como jamais se poderá exigir de uma teoria que deve servir de organom* (id., B 63). - O fato de que Kant decididamente denomina de *estética* a estética transcendental e a considera como a estética primeira, deveria servir de advertência para todos os que acham que se poderia excluir facilmente esta estética transcendental do círculo dos conceitos legítimos de estética. Kant viu a coisa exatamente ao contrário. Ele ainda estava justamente livre da restrição da estética à arte, que mais tarde se fez.

¹⁶I. Kant, *Kritik der reinen vernunft*, B 799.

¹⁷I. Kant, *Opus postumum*. Zweite Hälfte, Akademie-Ausgabe BD. XXII, Berlin u. Leipzig 1938, 476, 25.

¹⁸Id., 82, 21.

¹⁹Friedrich Nietzsche, *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne*, in: do mesmo: *Sämtliche werke*, a.a.O., Bd. I, 873-890, aqui 882.

²⁰Nietzsche diz expressamente que esta atividade do homem de *poetizar livremente e inventar livremente* - nossa tradução dos estímulos exteriores na construção de um mundo humano - não poderia ser melhor caracterizada do que designando-a como *comportamento estético* (id., 884).

²¹Otto Neurath, *Protokollsätze*, em *Erkenntnis*, Bd. 3, 1932/1933, 204-214, aqui 206.

²²Constitui o moto de *Word and Object*, Cambridge, Mas., 1960, VII.

²³Karl Popper, *die Logik der sozialwissenschaften*, in: Theodor W. Adorno u. a., *Der positivismusstriet in der deutschen soziologie*, Neuwied und Berlin, 1969, 103-123, aqui 103.

²⁴Richard Rorty, *Kontingenz, ironie und solidarität (Contingência, ironia e solidariedade)*, Frankfurt, a. Main, 1989, 99.

²⁵Id. Várias vezes Rorty fala a este respeito também de uma *cultura poetizada* (id., 117, 119, 121 s.).

²⁶Feyerabend, *Wissenschaft als kunst*, a.a.O., 77.

²⁷Cf. a respeito a coletânea editada por Judith Wechsler *On aesthetics in science* (Boston, 1981), assim como os trabalhos de Subrahmanyam Chandrasekhar) reunidos sob o título *Truth and beauty. aesthetics and motivations in science* (Chicago, 1987).

²⁸Cf. James D. Watson, *Die doppel-helix. Ein persönlicher bericht über die entdeckung der DNS-struktur (A hélice dupla. Um relato pessoal sobre a descoberta da estrutura do DNA)*, Reinbeck bei Hamburg, 1969.

²⁹Cf. Niklas Luhmann, *Die wissenschaft der gesellschaft*, Frankfurt a. Main, 1990, 717.

³⁰ [...] *nous ne faisons que nous entregloser* (Michel de Montaigne, *Essais*, in: do mesmo, *Oeuvres complètes*, Paris, 1967, III. Livro, capítulo 13, 430).

³¹ *Foi justamente aos nervos esteticamente desenvolvidos que o esteticismo presunçoso se tornou insuportável* (Theodor W. Adorno, *Minima moralia. Reflexionen aus dem beschädigten leben*, in: do mesmo, *Gesammelte Schriften*, Bd. 4, Frankfurt a. Main 1980, 163 [Nr. 95]. (*Minima moralia. Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bicca, Ed. Ática, S. Paulo, 1992, p. 128).

³² Cf. do Autor, *Thesen zur kunst im öffentlichen raum heute* [Teses sobre a arte no espaço público hoje], in: *orte. Kunst für öffentliche räume*, 1/1992, 12s.

³³ Desenvolvi este ponto com mais detalhes em *Ästhetik und anästhetik* [Estética e anestésica], em: W. Welsch, *Ästhetisches denken* [Pensamento estético], Stuttgart, 1990, 9-40.

³⁴ Discuti essas conseqüências em: *Ästhetische zeiten? Zwei wege der ästhetisierung* [Tempos estéticos? Dois caminhos da estetização], Saarbrücken, 1992.

WOLFGANG WELSCH: Nascido em 1946, fez filosofia, história da arte, psicologia e arqueologia em Munique e Würzburg. Doutorado em 1974, Habilitação em 1982, lecionou em Viena, Berlim, Bamberg e Stanford. Trabalha atualmente na Universidade de Magdeburg, na Alemanha. Seus livros versam sobre estética, modernidade e pós-modernidade, Heidegger e Lyotard.